

1) Reconciliação nacional

é tarefa de todos moçambicanos

(CONTINUADO DA 1ª PÁGINA)

paz em Moçambique como em Angola foi sempre esperada com grande ânsia, porque significa paz para toda a África Austral. A paz nestes dois países, como na Namíbia, significa uma esperança de maiores e mais rápidas transformações na África do Sul para o bem de todos nós. É por isso que a África do Sul sob a liderança do Presidente de Klerk se tem empenhado no apoio dos processos de paz em Angola e em Moçambique, passando pela solução do problema da Namíbia.

Portugal, nas pessoas do Dr. Cavaco Silva, Primeiro-Ministro, apoiado directamente pelo Senhor Durão Barroso, Secretário de Estado para a Cooperação, tomou parte activa de forma discreta mas de grande importância para a aproximação das partes.

Não são menos significativo o interesse e a disponibilidade sempre manifestados pelo Presidente da República Portuguesa, o Dr. Mário Soares.

Como resultado da conjugação de todos estes esforços, uns mais visíveis que outros, depois de várias tentativas e dissabores para uns e outros, teve início o diálogo directo entre o Governo e a RENAMO em Roma, que culmina hoje com a assinatura do Acordo Geral de Paz.

Esta histórica cidade de Roma foi o palco das conversações de paz para Moçambique.

As delegações das duas partes beneficiaram da hospitalidade e carinho do povo italiano e, em particular, dos habitantes da cidade de Roma.

Inúmeras vezes as delegações se cruzaram, dialogaram e conviveram com a população do bairro TRASTEVERE, onde se situa a Comunidade de Santo Egidio, lugar onde se desenrolou a maior parte das conversações.

clima de confiança mútua entre as delegações, que propiciou um estado de espírito conducente a um diálogo aberto e construtivo entre elas.

Neste contexto, Monsenhor Vicenzo, Professor Andrea Riccardi e D. Matteo Zuppi, deram a sua valiosa contribuição. O Arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, com a sua sensibilidade moçambicana, contribuiu para catalisar a aproximação entre irmãos.

Não foram apenas estes os que se empenharam na procura dos caminhos para a erradicação da violência em Moçambique.

Não é por acaso que, não sendo parte do conflito, estão aqui presentes, Chefes de Estado e de Governo, personalidades, observadores e representantes de países e instituições internacionais, nomeadamente a Organização das Nações Unidas, o Comité Internacional da Cruz Vermelha, Organização de Unidade Africana e a Commonwealth que conosco trilharam este sinuoso caminho.

Em todo este processo, desde Julho de 1990, as nossas duas delegações trabalharam arduamente na negociação dos protocolos e compromissos que ao longo de mais de dois anos fomos estabelecendo.

Foi este trabalho que construiu os alicerces para o entendimento global que hoje atingimos.

Numa caminhada preñhe de dificuldades, as duas delegações souberam cultivar os pontos positivos, reduzir as diferenças, ultrapassar os obstáculos que se colocavam no caminho.

Queremos saudar em particular a delegação do Governo da República de Moçambique, pela dedicação e perseverança na busca de melhores soluções para os problemas que se punham no decurso das negociações.

Foi a notória flexibilidade

2

conversações.

O Governo italiano soube escolher um verdadeiro amigo do povo moçambicano, na pessoa do honorável Mário Raffaelli, para coordenar a mediação. Foram as suas qualidades de político e parlamentar, a sua paciência de auscultador na busca de consenso que permitiram a Raffaelli levar a termo a delicada tarefa que lhe foi incumbida.

A Comunidade de Santo Egídio procurou sempre jogar diligentemente o seu papel, criando condições que permitissem o desenvolvimento de um

Foi a notória flexibilidade demonstrada pela delegação ao longo de todo este percurso que possibilitou o alcance de consensos que nos conduziram aos sucessos que hoje celebramos.

Enalteçamos o papel especial do chefe da delegação do Governo, Senhor ARMANDO FÁBIO GUERUZA, Ministro dos Transportes e Comunicações da República de Moçambique, pelo alto sentido de responsabilidade, pela paciência e calma demonstradas na condução das conversações.

Com a assinatura da Declaração Conjunta a 7 de Agosto último, as nossas delegações foram instruídas para concluírem o trabalho que faltava para que até 1 de Outubro assinássemos o Acordo Geral de Paz.

A Paz em Moçambique é um dos factores fundamentais para a estabilidade na África Austral.

Os nossos vizinhos, compreendendo esta realidade, não pouparam esforços no sentido de promover iniciativas conducentes ao fim da guerra.

Países que sempre se interessaram pela paz em Moçambique apoiaram a nossa acção, assim como a dos mediadores, a tal ponto que se nos afigurou correcto e necessário que alguns deles, nomeadamente os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a França e Portugal, passassem formalmente a assumir, em

Junho de 1992, o papel de observadores oficiais às conversações.

Os encontros de Gaborone, o primeiro entre o Presidente Mugabe, o Presidente Masire e o Senhor Dhlakama, líder da Renamo e o seu segundo, entre o Presidente da

República de Moçambique e o líder da Renamo, foram momentos que aceleraram o processo na sua fase final.

É este conjunto de actores que nas suas diversificadas percepções e influências constitui um todo complementar que nos conduziu a este marco histórico, a esta vitória de todo o povo moçambicano onde não há lugar para vencidos nem vencedores.

Aos nossos amigos aqui presentes e aos que estão ausentes e por tudo aquilo que eles representam queremos manifestar o nosso apreço e gratidão.

Queremos agradecer ao Governo e povo italiano pelo apoio, compreensão e solidariedade que sempre nos granjearam neste processo.

Queremos agradecer aos mediadores, Mário Raffaelli, Professor Andrea Riccardi, Padre D. Matteo Zuppi, D. Jaime Gonçalves, Arcebispo da Beira, que aceitaram o desafio e realizaram com sucesso esta missão delicada.

Aos observadores oficiais dos Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, França, Portugal e Nações Unidas, queremos agradecer o esforço empreendido no impulso que deram às negociações.

Agradecemos aos nossos irmãos africanos aqui presentes, representa-

dos pelos Presidentes Robert Gabriel Mugabe, do Zimbabwe, Sir. Ketumile Masire, do Botswana, do Vice-Presidente, Saitoti do Quénia, os representantes da Organização da Unidade Africana, da República da África do Sul.

Não há palavras suficientes para qualificar os nossos agradecimentos. As palavras obrigado ou "gratzie", são vulgares mas belas.

Seriam suficientes se a assinatura do acordo fosse o fim em si.

Por isso pensamos que os nossos melhores agradecimentos serão qualificados condigna e adequadamente quando demonstrarmos a nossa capacidade de manter e consolidar a paz em Moçambique por nossa vontade própria. Os mecanismos de supervisão e controlo, com a participação de organizações multinacionais e países estrangeiros não servirão para nada se não tivermos a consciência do dever.

Serão ineficazes se nós os moçambicanos não acreditarmos que os acordos são para serem cumpridos.

Contudo achamos necessário apelarmos ainda que nos ajudem no futuro a superar as nossas fraquezas.

A todos vós queremos dizer que a vossa tarefa não termina aqui.

Alguns de vós estarão ainda conosco integrando as instituições e mecanismos de garantia, supervisão e controlo da implementação do Acordo Geral de Paz. Tanto a uns como a outros convidamos a colaborar

conosco na consolidação do clima de confiança criado por este Acordo para a normalização da vida de todos em Moçambique.

O vosso apoio e solidariedade continuará a ser um factor de complementaridade ao esforço gigantesco que temos que realizar para a reconstrução nacional do país.

Moçambique é um país devastado e através sa hoje a pior seca de que há memória. Centenas de milhar de vidas estão em perigo.

Acalanta-nos porém a certeza de que com o calar das armas se renova a esperança de aliviar os efeitos de mais esta catástrofe.

Excelências;
Minhas Senhoras;
Meus Senhores;
Meu Irmão Dhlakama,

Acabamos de assinar um compromisso perante o nosso povo, perante o mundo inteiro.

Se tivémos hesitações no passado, hoje, depois de percorrido todo este caminho, o processo se tornou irreversível.

Devenos consolidar a paz que aqui construímos. Uma paz cujos pressupostos se radicam na aplicação do Acordo Geral de Paz.

O estamos aqui hoje testemunha que não há barreiras intransponíveis quando colocamos os interesses do povo e da Nação moçambicana acima de tudo. Temos e teremos diferenças. Porém, essas diferenças não devem

sobrepôr-se aos interesses e destinos do nosso povo. Estamos aqui hoje para dizermos bem alto que nos unimos à volta da mesma bandeira da moçambicanidade, da fraternidade e do ideal da independência e da unidade nacional.

Cabe a cada um de nós a responsabilidade de fazer cumprir o Acordo.

A reconciliação nacional é responsabilidade de todos os moçambicanos. Somos nós todos que juntos devemos saber curar as feridas, substituir o ódio pela compreensão e solidariedade, a vingança pelo perdão e tolerância, a desconfiança pela fraternidade e amizade.

Excelências;
Minhas Senhoras;
Meus Senhores,

Foi uma longa caminhada. Vencemos. Devemos caminhar decididamente para construir o futuro, um futuro brilhante e risonho que muito depende do esforço de todos os moçambicanos.

Com determinação venceremos mais esta batalha.

A responsabilidade é gigantesca, mas nobre e exaltante é a nossa missão. Estamos preparados para o desafio e anima-nos a certeza da vitória.

Na paz, unidade, progresso e reconciliação, todos venceremos!

MUITO OBRIGADO.

Roma, 4 de Outubro de 1992

Renamo irá respeitar compromissos assumidos

(CONTINUADO DA 1ª PÁGINA)

O facto de dois países de língua oficial portuguesa, ambos até há pouco governados pelos partidos únicos e por isso em guerra civil, terem escolhido o caminho da democracia e da paz, é muito encorajador e muito significativo para a nossa região.

Que tal acordo de paz, no nosso caso moçambicano, seja aqui assinado em Roma, cabeça do mundo cristão, cidade de tanto significado histórico, é também um sinal positivo.

Os nossos amigos europeus, americanos, africanos, têm os olhos em nós, confiam em nós mas o mais importante de tudo, o povo de Moçambique espera de nós, de uma vez por todas, o fim do seu sofrimento. Não podemos desiludir nem deixar sem resposta, por mais tempo.

Minhas senhoras, meus senhores Convidados, personalidades:

Tombaram milhares e milhares de moçambicanos. Pensamos nós que esta data seja um acontecimento muito válido para nós que estamos aqui.

Quero convidar o meu irmão, sua excelência, Presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano, que a Renamo irá respeitar o acordo que acabamos de assinar aqui. O importante para nós, meu irmão é aceitarmos a democracia, a verdade, justiça, defesa pelos direitos humanos.

O poder para nós não é muito importante. Vamos acreditar no povo porque se falharmos e perdemos as eleições, vamos aceitar a oposição. Eu quero confessar perante a todos os presentes aqui que a Renamo que eu quero ser uma organização que irá respeitar, cumprir com o acordo. Para o acordo põe termo aos 15 anos da guerra, por isso moçambicanos que estão aqui presentes, os convidados, meus amigos americanos, europeus, africanos vieram aqui para testemunhar este acontecimento.

Sem que prolongue mais, quero agradecer a paciência que os italianos tiveram, dois anos, dois anos de negociações. Impasses e não impasses os italianos conseguiram puxar o ministro Armando Guebuza, o chefe Departamento da Organização, Raul

Domingos, para uma reconciliação, para um acordo que hoje estamos a testemunhar. Por isso não sei como hei-de agradecer o Governo italiano, mas também não esquecer a participação do Governo português através dos representantes aqui nas negociações, a participação do Governo dos Estados Unidos da América, a participação do Reino Unido,

senhor Durão Barroso, que representa o Governo português, o representante do Governo malawiano, o Senhor Ministro do Estado John Thembo e os demais.

Não vou esquecer os esforços dos nossos irmãos das organizações, nomeadamente as Nações Unidas, que participaram muito também, a OUA embora não tivesse participado

a participação da França, de outros inclusive o meu amigo Robert Mugabe que está aqui presente, o Presidente Quett Masire do Botswana, o Presidente Arap Moi, que infelizmente não está aqui presente mas está representado pelo seu Vice-Presidente, está aí o Secretário da Cooperação, o

directamente mas estava informada e hoje está aqui presente e mais outros. Por isso, mais uma vez quero dizer, quero demonstrar a minha satisfação por termos assinado este acordo entre eu e o meu irmão Presidente Joaquim Chissano, portanto meu irmão, muito obrigado e muito obrigado a todos.